



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE AGROECOLOGIA

Agroecologia: Gênero, Agroecossistemas Multiterritoriais e
Segurança Alimentar



MARCHA DAS MARGARIDAS. ECOFEMINISMO E MOVIMENTOS POPULARES PELA JUSTIÇA CLIMÁTICA

SILVA¹, Lélia Nogueira da*; FERREIRA^{1,2}, José Gomes; GALDINO FILHA¹, Maria José da Silva

¹ Universidade Estadual da Paraíba.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

*E-mail do autor correspondente: lelia.silva@aluno.uepb.edu.br

RESUMO: Lutando no sentido de superar o modelo patriarcal herdado da colonização, as mulheres, sobretudo dos territórios rurais semiáridos, têm organizado diversas iniciativas em que não buscam apenas o seu reconhecimento e expõem a violência de que são alvo, mas em que igualmente se posicionam face ao modelo de desenvolvimento capitalista da agricultura e das energias renováveis. É nesse contexto que se destacam, numa reivindicação nacional, a Marcha das Margaridas, organizada a cada quatro anos em Brasília, e numa pauta regional, a organização nos restantes anos, no Agreste Paraibano, da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia. Os dois movimentos configuram-se como espaço de contestação, primeiramente, de denúncia da violência sexista, e gradualmente também como exigência de uma outra pauta agroecológica e por um outro modelo de desenvolvimento vinculado à expansão da energia eólica que garanta justiça socioambiental e a presença das comunidades rurais nos seus territórios reduzindo os impactos socioambientais. A pesquisa analisa o histórico destas iniciativas e como suas pautas são determinantes na definição das políticas públicas.

Palavras-chave: Agreste Paraibano; Agricultura familiar; justiça climática; Marcha das Margaridas; Ecofeminismo.

Introdução

No Brasil, o movimento feminista tem lutado pela conquista e efetivação dos direitos das mulheres em áreas que enfrentavam situações de opressão (1). Esse movimento também se destaca pelas contribuições no processo de democratização do Estado, ao pressionar diretamente o campo das políticas públicas (2).

Nas últimas décadas, o surgimento de movimentos feministas rurais tem procurado lutar contra as violências no campo, trazendo gradualmente outras pautas e propostas no sentido do desenvolvimento e preservação do ecossistema e dos modos de vida tradicional. Nesse contexto, os movimentos feministas têm reivindicado e negociado políticas inovadoras com a intenção de reconhecer as mulheres rurais como cidadãs, independentemente de seu estado civil ou posição na família (3).

As pautas não são apenas no sentido de destacar questões como a soberania alimentar



e garantia hídrica para a produção de alimentos no semiárido. Tem sido reforçado o contributo da agroecologia na transição para uma sociedade mais justa e com produção de alimentos saudáveis, assim como social e ambientalmente mais resiliente e capaz de inverter os impactos do atual modelo de expansão das energias renováveis nos territórios.

A pesquisa analisa a Marcha das Margaridas (4), levada a Brasília de quatro em quatro anos, e o Movimento Regional da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, organizada anualmente no Agreste Paraibano, e o seu contributo na defesa da mulher contra todas as formas de violência no campo. Nas duas iniciativas é central a figura de Margarida Alves como símbolo da luta das mulheres sindicalistas brasileiras, que foi presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, assassinada em 12 de agosto de 1983, dando nome à Marcha das Margaridas.

As duas iniciativas configuram-se como espaço de contestação, de exigência de uma outra pauta agroecológica, defendendo igualmente outro modelo de desenvolvimento e transição energética, reivindicando por justiça climática e defesa dos territórios tradicionais da agricultura. Para além dessa pauta e da influência de outros movimentos e iniciativas, destacando-se a importância dos temas na atual COP30, realizada em Belém do Pará, os movimentos.

Material e Métodos

Com um carácter exploratório, propõe-se a analisar como as questões de género no meio rural perpassam lutas por igualdade de direitos e como dessa pauta por direitos os movimentos expandem sua militância para pautas como a defesa dos territórios da agricultura familiar e por uma transição energética vinculada a princípios de justiça climática.

A metodologia é qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica para o referencial teórico com a análise documental das pautas reivindicativas (relatórios, documentos e notícias). Além disso, a coleta de dados incluiu a obtenção de testemunhos junto às lideranças e coordenação regionais, permitindo a reconstrução da cronologia das ações de ambos os movimentos.

Resultados e Discussão:

A Marcha das Margaridas tem se realizado desde 2000 em Brasília, de quatro em

quatro anos, juntando movimentos autônomos de mulheres e o movimento popular e sindical rural e urbano, através da Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais. O movimento deve o nome à líder sindical rural Margarida Maria Alves, sindicalista assassinada em 1983, na cidade de Alagoa Grande, agreste Paraibano. Já o Movimento Regional da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia intercepta com a primeira Marcha nos objetivos e na composição regional da comissão organizadora, porém, acontece de forma regionalizada nos municípios integrantes da região do Agreste, na Paraíba.

Segundo Teixeira (5), a Marcha das Margaridas não é um protesto pontual que demanda apenas resposta pública a determinado problema, é “uma mobilização que envolve um processo de construção política permanente”, que integra várias iniciativas e em que “o encontro dos participantes em Brasília, para marchar e interpelar o Estado, é a culminação de um longo processo que envolve ações de reprodução social, como uma política de alianças com outros atores, organização, mobilização e formação” (p.5).

Sobreira e Cordão (6) interpretam-na com uma ampla ação de mulheres que reúne experiências de um feminismo rural no Brasil a partir do protagonismo das Margaridas, integrando o feminismo decolonial, configurando em particular um feminismo rural no Brasil. Esse feminismo decolonial critica o “entendimento de que se o feminismo é toda luta das mulheres contra o patriarcado” (p.87), costurando uma proposta alternativa que busca anular da colonialidade a universalidade que caracteriza a modernidade ocidental.

Por sua vez, a Marcha regional é organizada pelo coletivo Agricultura Familiar e Agroecologia e pelo Polo da Borborema (AS-PTA), uma rede de 13 sindicatos de trabalhadoras e trabalhadores rurais da região da Borborema, no Agreste da Paraíba. A Marcha acontece todos os anos em um dos 14 municípios do Polo e aborda a cada ano uma temática diferente, discutido nos diversos encontros preparatórios realizados nas comunidades rurais desde novembro do ano anterior à realização da marcha (7).

O Quadro 1 apresenta o calendário e as principais pautas da Marcha das Margaridas, mobilização nacional que, desde o ano 2000, reúne milhares de mulheres brasileiras em Brasília para reivindicar direitos, visibilidade e políticas públicas voltadas ao campo e à agricultura familiar. Além disso, o quadro evidencia a organização local da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, iniciativa que ocorre, desde 2010, em diversas cidades da região do Brejo/Borborema.

Quadro 1. Edições e temas das Marchas pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia e das Margaridas

MARCHAS PELA VIDA DAS MULHERES E PELA AGROECOLOGIA			MARCHA DAS MARGARIDAS		
Ano	Localidade	Tema	Ano	Localidade	Tema
2010	Remígio	Maior participação das mulheres do campo nas esferas produtivas e políticas e visibilizar as inúmeras formas de violência contra a mulher.	2000	Brasília	2000 Razões para marchar contra a Fome, Pobreza e Violência Sexista
2011	Queimadas	Denunciar as desigualdades sociais e a violência contra mulher e lutar por direitos e por relações mais justas na agricultura familiar.			
2012	Esperança	Denunciar as desigualdades sociais e a violência contra mulher e lutar por direitos e por relações mais justas na agricultura familiar.	2003	Brasília	2003 Razões para marchar contra a Fome, Pobreza e Violência Sexista
2013	Solânea	Luta por direitos e relações mais justas na agricultura familiar e pelo Fim da Violência Contra a Mulher.			
2014	Massaranduba	Acesso às políticas Públicas e luta contra a violência patrimonial.	2007	Brasília	2007 Razões para marchar contra a Fome, Pobreza e Violência Sexista
2015	Lagoa Seca	Marchando por saúde, por qualidade de vida e por políticas públicas.			
2016	Areial	Luta pelo fim da violência contra a mulher			
2017	Alagoa Nova	Pelo fim da cultura de estupro e contra a reforma da previdência.			
2018	São Sebastião de Lagoa de Roça	Diversidade sexual e a divisão justa do trabalho doméstico.	2011	Brasília	2011 Razões para Marcha por: Desenvolvimento Sustentável com Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade
2019	Remígio	Racismo e a mulher negra, afirmação da identidade racial.			
2020	Esperança	Não a violência contra a mulher e visibilidade, papel e contribuição das camponesas na construção da agricultura familiar do território.	2015	Brasília	Margaridas seguem em Marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade
2021	Virtual	Sem cuidado não há vida.			
2022	Solânea	Mulheres em defesa do território: Borborema agroecológica não é lugar de parques eólicos.	2019	Brasília	Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência
2023	Montadas	Mulheres em defesa do território – Borborema Agroecológica não é lugar de parque eólico.			
2024	Areial	"Mulheres em defesa do território: Caatinga viva, floresta em pé".	2023	Brasília	Pela reconstrução do Brasil e pelo Bem Viver!
2025	Esperança	Mulheres em defesa da Borborema agroecológica: Nenhum passo a mais para dentro do nosso território.			

Fonte: organizado pelos autores a partir do testemunho das lideranças e fontes documentais (2025).

Conclusões

A luta das mulheres rurais, em particular do semiárido nordestino, tem marcado as

ações dos movimentos ecofeministas nacionais, dando visibilidade às desigualdades históricas de gênero e as violências que vêm sofrendo, bem como reivindicando aceitação na definição das propostas de desenvolvimento para os seus territórios. As Marchas analisadas colocam em destaque o ambientalismo popular, feminino e reivindicativo por novas estratégias de desenvolvimento local e regional e por justiça climática.

A diversidade nas diferentes edições reflete a capacidade desses movimentos articularem reivindicações estruturais, e isso acaba por fortalecer as redes de mobilização local e também a nível nacional. Por outro lado, revelam um teor estratégico na formação de lideranças comunitárias e na consolidação de práticas agroecológicas feministas que tensionam diretamente os modelos de desenvolvimento hegemônico imposto pelo território do semiárido.

Referências

1. Gohn MG. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. São Paulo: Edições Loyola; 1995.
2. Carneiro S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. 2003;17(49):117–33.
3. Siliprandi E, Cintrão R. Mulheres rurais e políticas públicas no Brasil: abrindo espaços para o seu reconhecimento como cidadãs. In: Grisa C, Schneider S, organizadores. **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2015.
4. Marcha das Margaridas. **Margaridas em Marcha 2023** [Internet]. [citado 2025 Nov 17]. Disponível em: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/>.
5. Teixeira MA. Movimentos sociais populares em tempos de ascensão das novas direitas: a Marcha das Margaridas. **Caderno CRH**. 2021;34:e021008.
6. Sobreira DN, Cordão MPS. Na intersecção de histórias femininas e sindicais no brejo paraibano. In: Souza ACB, Azevedo Neto JM, Pereira MPB, organizadores. **História, cultura e sociedade. Teorias e Metodologias de Pesquisa (PPGH – UFCG). Feminismo decolonial**. Campina Grande: EDUCG; 2024. p. 86-98.
7. Pessoa J, Alves C. Femicídio é tema da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia nesta quinta. **Brasil de Fato** [Internet]. 2020 Mar 10 [citado 2025 Nov 3]. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/10/femicidio-e-tema-da-marcha-pela-vida-das-mulheres-e-pela-agroecologia-nesta-quinta/>.